

FICHA TÉCNICA

facebook.com/manuscritoeditora

© 2018

Direitos reservados para Letras & Diálogos,  
uma empresa Editorial Presença,  
Estrada das Palmeiras, 59  
Queluz de Baixo  
2730-132 Barcarena

Título: *Ficheiros Secretos à Portuguesa*

Autor: *Joaquim Fernandes*

Revisão: *Marília Correia de Barros/Editorial Presença*

Copyright © Joaquim Fernandes, 2018

Copyright © Letras & Diálogos, 2018

Capa: Sofia Ramos/Editorial Presença

Imagem de capa: Shutterstock

Fotocomposição, impressão e acabamento:

Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-8871-56-5

Depósito legal nº 443 296/18

1.<sup>a</sup> edição, Lisboa, agosto, 2018

# ÍNDICE

<b>Prefácio</b>	<b>13</b>
<b>Introdução</b>	<b>19</b>

## **PREÂMBULO: PRÉ-HISTÓRIA DE UM FENÓMENO CONTEMPORÂNEO**

<i>I. Da Passarola às bombas-voadoras</i>	24
I.I O homem que sonhou dominar o mundo pelo ar	25
I.II A vaga de «foguetões misteriosos» de 1946	28
I.III «Foguetes-fantasmas» nos céus portugueses	31

## **1. MISTÉRIOS ATLÂNTICOS**

1.1 Alertas da Base Aérea das Lajes nos relatórios militares dos EUA	35
1.1.1 Balão meteorológico (?) na origem de um relatório histórico	36
1.1.2 Observação de «luzes invulgares» no oceano Atlântico	39
1.1.3 De «olhos bem abertos» na imprensa portuguesa	40
1.1.4 Mais «estranhas luzes verdes» rondam um <i>C-124</i>	42
1.1.5 Trajetória de objeto obriga avião <i>DC-4</i> a ação evasiva	43
1.1.6 O estranho caso dos relógios parados em Santa Maria...	44
1.1.7 ...e o «prato de sopa invertido» que madrugou em Matosinhos	46
1.1.8 «Objeto na pista» de Santa Maria desvia avião para Lisboa	51

1. 2	<i>Unknown</i> : os casos açorianos classificados no Livro Azul	53
1.2.1	O «disco voador do Açucareiro» e o amável «piloto de cabelo louro»	53
1.2.2	Um «charuto voador» ilumina as areias da Praia da Vitória	62
1. 3	Engenho tripulado «visivelmente visto» na Base Aérea das Lajes	70
1.3.1	O incrível relato original nas palavras da testemunha	71
1.3.2	A situação clínica da testemunha no hospital	76
1.3.3	Alguns dados sobre a personalidade de Serafim Sebastião	78
1.3.4	As propostas de explicação de um balão... esvaziado	79
1.3.5	Militares investigam em terra e patrulham no ar	81
1.3.6	As «conspirações» terrestres e a conjuntura internacional	82

## **2. ENCONTROS ATMOSFÉRICOS**

2.1	O caso Lemos Ferreira: um histórico alarme noturno	87
2.1.1	Um voo de rotina entre Ota e Córdoba	88
2.1.2	Um grito de alarme: «Vêm sobre nós!»	90
2.1.3	«Não podia fazer muito para evitar uma colisão...»	91
2.1.4	«Não encontro explicação em termos de tecnologia conhecida»	94
2.1.5	«Não há contacto? O problema é de quem visita...»	95
2.2	Pilotos da Força Aérea Portuguesa observam feixe de luz sobre Tomar	97
2.3	Um olhar de espanto numa «luz irreal e fascinante»	103
2.3.1	«Vi surgir uma outra sombra ao lado da outra luz»	107
2.3.2	Um jato da FAP na esteira da «luz» em ascensão rápida	109

2.4	Observações no céu confirmadas em terra	110
2.4.1	Espectador anónimo em terra descreve «encontro» sobre o Tejo	111
2.4.2	«Vem um avião contra nós!»	113
2.4.3	Operador da torre de controlo: «Eram cinco pontos em linha.»	117
2.5	Uma nuvem bizarra seguida pelos radares da FAP	118
2.5.1	O piloto recusou-se a entrar na «nuvem»...	120
2.5.2	Radar confirma observação na Guarda?	122
2.5.3	Algumas constatações curiosas	123
2.6	Um «encoberto» sobre a barragem de Castelo de Bode	124
2.6.1	«Um objeto quase negro parcialmente oculto»	126
2.6.2	«A bússola ficou desfasada 180°»	128
2.6.3	Controlador militar da base confirma experiência do piloto	129
2.7	Uma «bolha de mercúrio» e três pilotos persistentes	132
2.7.1	Excertos dos testemunhos no relatório de investigação	138
2.7.2	Impressões dos investigadores	140

### **3. ESPANTOS TERRESTRES**

3.1	Um «organismo desconhecido» capturado em Évora	143
3.1.1	Uma surpreendente descoberta, pela lente do microscópio...	146
3.1.2	As diversas hipóteses explicativas para o estranho «ser»	149
3.1.3	A controvérsia científica em torno da revelação	155
3.2	Militares em terra e um óvni no azul do céu	157
3.2.1	«Um objeto do tamanho da Lua»	159
3.3	E a noite se fez dia em terras de Portugal	161
3.3.1	Interferências elétricas	162
3.3.2	Efeitos auditivos e de sopro	163

3.3.3 Fenómenos luminosos particulares	163
3.3.4 Junto aos radares da Força Aérea Portuguesa em Montejunto	165
3.4 A PSP da ilha Graciosa no rasto do «segredo»	168
3.5 «Cantoneiro nervoso e chamuscado queixa-se à GNR»	172
3.6 A «medusa voadora de Alfena»	175
3.6.1 As análises das fotografias e a hipótese de balão	177
3.6.2 «Se vais pousar eu abro a porta e fujo!»	180
3.6.3 O «aparelho» atacado à pedrada...	182
3.6.4 O envolvimento científico e institucional na procura de respostas	183
3.7 «Fenómeno nunca visto» desinquieta transmontanos	187
3.7.1 A modelar intervenção da GNR no terreno	189
3.7.2 Gondomar confirma Bragança	190
3.8 Um intruso aéreo «fora de jogo» no Euro 2004	191
3.8.1 Os ecos anómalos nos radares militares e civis	193
3.8.2 Um míssil atravessa-se numa nebulosa de explicações	196

#### 4. «VISITAS» AQUÁTICAS

4.1 Mestre João Salas surpreendido em plena faina	198
4.1.1 «João! Olha que ele vem contra a gente!»	200
4.1.2 Os motivos que fizeram falar um homem do mar	201
4.2 Madeira: o pânico que veio do oceano	203
4.2.1 Um navio não identificado avistado ao largo	204
4.2.2 Um exercício de mísseis de um navio francês?	207
4.3 «Charuto» provoca o caos nos instrumentos de bordo	209
4.4 <i>Blackout</i> total no NRP <i>Baptista de Andrade</i>	214

<b>Epílogo</b>	<b>219</b>
<b>DOCUMENTOS ANEXOS</b>	<b>221</b>
<b>FONTES</b>	<b>245</b>

# PREFÁCIO

Conheço o professor Joaquim Fernandes há já perto de 40 anos e tenho seguido com o maior interesse a sua evolução na pesquisa da verdade nas matérias sempre controversas do insólito, do paranormal e do imaginário popular. A sua busca e os livros que publicou provam a sua coragem em trazer esses temas a um público nem sempre pronto a aceitá-los sem reticências, face a uma visão demasiado formal e ortodoxa da ciência contemporânea, com explicações por vezes estranhamente elaboradas, que podem satisfazer os incautos mas não convencem minimamente quem deles foi protagonista ou vítima, especialmente quando a experiência de vida, a capacidade intelectual e a credibilidade dos participantes não lhes deixam dúvidas quanto ao vivenciado ou observado.

Este livro é um verdadeiro compêndio de toda a fenomenologia relacionada com o avistamento de objetos voadores não identificados, no Continente e nas Regiões Autónomas, desde os primórdios do fim da Segunda Guerra Mundial até hoje. As entidades estatais e militares têm o dever de fornecer informações ao público, mas, como se disse, esta tende a ser distorcida ou camuflada, por vezes com artifícios inaceitáveis. Presumivelmente, tem a louvável preocupação de não provocar o «pânico» nas populações, mas talvez tenha ainda mais probabilidade de preservar, face ao inimigo, conhecimentos tecnologicamente mais avançados que permitam à organização da Defesa e suas Forças Armadas manter «a mão de cima».

O autor aborda, no preâmbulo, um conceito que já Bartolomeu de Gusmão apresentara ao rei de Portugal

D. João V e à sua corte, quando, em agosto de 1705, exibiu alguns exemplos do seu «instrumento para se andar pelo ar», ou seja, de balões de ar quente de pequenas dimensões que, após alguns falhanços por se terem incendiado, conseguiram finalmente elevar-se até ao teto, na sala dos embaixadores da Casa da Índia, descendo de seguida suavemente até ao chão.

De facto, quem tivesse o domínio do ar, pensava o ilustre padre, e muito bem, estaria nas condições ideais para vencer futuras guerras com o inimigo e daria ao rei de Portugal a «mão de cima» nas contendidas sucessórias com o trono castelhano.

Se nos transpusermos para a evolução do «mais pesado que o ar» e a sua utilização nas duas guerras mundiais, especialmente na segunda, verificamos que, tanto no teatro europeu como no do Pacífico, foi a supremacia aérea dos Aliados que permitiu a vitória sobre as forças do Eixo, certificando assim a previsão esclarecida e inédita do nosso clérigo.

Entretanto, a evolução tecnológica dos meios aéreos tem sido cada vez mais rápida e hoje já existem, e têm sido utilizados na luta antiterrorista, veículos aéreos não tripulados, com forte poder ofensivo e elevada precisão, controlados por um operador comodamente sentado numa poltrona a milhares de quilómetros de distância e que, através dos satélites, comanda a sua operação. Estamos, pois, na senda da aquisição de capacidades que o comum cidadão nem pode imaginar, sendo caso para nos perguntarmos se a fenomenologia OVNI não representará um estágio avançado, séculos adiante de nós, de uma tecnologia semelhante, desenvolvida por seres que estão milhares de anos à nossa frente e que habitam outros mundos. Não fomos nós já à Lua e não estamos, com todas as nossas limitações, próximos de ir a Marte? Onde estaremos daqui a muitos séculos?

Curioso e inspirado não deixa de ser o comentário do general MacArthur, em 1955 e 1962, de que a

próxima guerra seria certamente um guerra interplanetária e que as nações do mundo teriam de se unir no combate ao invasor vindo do exterior. Só é de lamentar que as nações deste planeta, para se unirem, tenham de enfrentar a aniquilação alienígena...

Igualmente elucidativa é a resposta de Einstein quando, perguntado sobre a natureza de uma terceira guerra mundial, afirmou que sobre uma terceira não sabia, mas que uma quarta seria certamente combatida com paus e pedras!

O autor aborda esta temática em várias fases complementares referindo-se, em primeiro lugar, ao aparecimento do «mais pesado que o ar», que, em princípio, será de génese portuguesa pela ação do padre Bartolomeu de Gusmão. Como acontece geralmente com muitas das iniciativas inéditas nascidas no nosso país, também esta estava condenada a não evoluir em mãos nacionais apesar do seu ineditismo e da sua capacidade de desenvolvimento futuro, não tendo despertado o interesse imediato porque não havia verba, ou ainda por um triste sentimento atávico muito nacional que inferioriza o «produto» nacional face ao estrangeiro.

A obra prossegue com uma breve resenha dos avistamentos aéreos insólitos, ocorridos logo a seguir ao fim da Segunda Guerra Mundial, em que o aproveitamento da tecnologia alemã dos foguetões V1 e V2, feitos por russos e americanos, deu origem a muitas observações de objetos voadores não comuns que, regra geral, eram identificados com experiências de lançamento desses objetos.

O acontecimento de Roswell, em julho de 1947, marca, sem dúvida, o crescente interesse pela fenomenologia OVNI. Aliás, este termo nasceu da conflitualidade que existia à volta deste incidente. Ao mesmo tempo, denuncia uma política de ocultação sistemática, mesmo sobre acontecimentos de tal forma insólitos observados por testemunhas inegavelmente credíveis, que nos conduz

à ideia de que as entidades governamentais deverão saber mais do que pretendem aparentar. E dá igualmente origem à possibilidade de especulações e informações falsas de indivíduos à procura de protagonismo.

É assim que a pesquisa do autor nos leva ao conhecimento dos avistamentos ocorridos no território nacional e devidamente registadas pelas entidades responsáveis das forças de segurança terrestres e entidades civis, Força Aérea e Aviação Civil, e da Armada e autoridades marítimas. Esclareça-se que nenhuma destas entidades tentou alguma vez mistificar ou prejudicar as investigações.

Nas ocorrências observadas de terra, destacam-se algumas ocorridas na ilha Terceira, nos Açores, onde a presença do destacamento americano da Base Aérea das Lajes permitiu uma imediata colaboração com as autoridades locais. Clássicos são os casos do «Cabrito», nos Cinco Picos, com o guarda Serafim Sebastião, e o objeto voador identificado como uma betoneira em Alfena, no continente. A Força Aérea também tem os seus clássicos, com o caso «Lemos Ferreira» e o «capitão Guerra» e, na área marítima, o caso da fragata *Baptista de Andrade* é insólito, dadas as implicações com o equipamento eletrónico, o que atesta capacidades totalmente alheias aos nossos conhecimento e controlo.

Foi a partir do nosso primeiro encontro, em 1977, para lhe confirmar, como testemunha, o caso da queda dos «cabelos de anjo» em Sintra e Évora, que o professor Joaquim Fernandes e eu mantivemos um permanente contacto. Foi neste quadro que tive oportunidade de assistir, na Universidade Fernando Pessoa, a várias e interessantíssimas palestras sobre a fenomenologia OVNI, organizadas pelo Centro Transdisciplinar de Estudos da Consciência cofundado pelo autor e com a participação de creditados investigadores estrangeiros, para além, claro, dos portugueses.

Referi, no início, a coragem do professor Joaquim Fernandes ao trazer a público, através dos livros

publicados e, em particular do presente, a verdade de factos ocorridos dentro deste âmbito. Quando digo *verdade*, refiro-me à descrição dos factos e não à explicação do que os provoca, que, pelo menos para nós, a grande massa do povo, ainda está longe de ser alcançada.

O objetivo da publicação deste livro não se prende com a pretensão de explicar a origem do fenómeno OVNI, mas antes de apresentar aos leitores os factos históricos e documentados relacionados com estes avistamentos insólitos, deixando-lhes a iniciativa de poderem tirar as conclusões que possam elaborar.

Claro que, a admitirmos que esses fenómenos são de natureza extraterrestre, teremos de concluir que estamos confrontados com tecnologias tão avançadas que qualquer ilusão de defesa com os nossos mais evoluídos meios militares parece ridícula.

Bastará analisar as características desses fenómenos para compreendermos que assim é.

Como nos ensina a História, o que hoje era tido como facto assente amanhã poderá ser totalmente falso. E essa evolução vai sendo cada vez mais rápida e baseada nas descobertas científicas e nos meios cada vez mais aperfeiçoados para as conquistar. É disso exemplo claro a afirmação heliocêntrica de Copérnico contra a então vigente teoria geocêntrica de Ptolomeu.

São assim os pioneiros que alargam o conhecimento humano para além das rígidas fronteiras da ciência ortodoxa. Despidos dos formalismos oficiais e baseados numa constante investigação, não amarrada a peias artificiais impostas pelas instâncias do poder, vão desbravando o muito que, por vezes, está diante dos nossos olhos mas que, condicionados pelas campanhas de ocultação e descrédito, não queremos ver.

Aconselho vivamente a leitura deste livro do professor Joaquim Fernandes. Trata-se de uma coletânea muito completa dos relatos extraordinários de avistamentos de objetos desconhecidos no céu, em terra e no mar

e dos factos verdadeiramente insólitos ocorridos com pilotos civis e militares portugueses, com observadores em terra e com as guarnições de navios de guerra e civis, cuja credibilidade é indiscutível e que nos deixam a pensar que, como dizem os ingleses: «This is a matter where there is more than what meets the eye.»

*Tomás George Conceição Silva*  
General Piloto-aviador  
Ex-chefe do Estado-Maior da Força Aérea  
Portuguesa

# INTRODUÇÃO

Haverá uma guerra secreta a decorrer nos nossos céus neste preciso momento em que o leitor toma em mãos este livro?

Haverá uma conspiração em curso forjada e partilhada entre as potências maiores do nosso planeta para ocultar um conflito invisível e impossível aos olhos do cidadão comum?

Haverá uma real ameaça, de proporções apocalípticas, protagonizada por inteligências exteriores à Terra que colocam em causa a vida deste pequeno orbe e das suas formas de vida organizada?

Estes serão seguramente alguns dos rumores fundamentais e mais popularizados pela comunicação global e instantânea, em rede, marca revolucionária da presente evolução civilizacional da humanidade. A destriça entre verdade e realidade nem sempre se esclarece sem equívocos, num espaço-tempo em que a cultura da Virtualidade surge, em toda a linha, como alternativa convincente que pretende ir mais além das eternas questões: O que é a Verdade? O que é o Real?

Virtudes e perigos imensos, incontrolláveis, decorrem desta capacidade atual de gerarmos informação e manipulá-la, mesmo que inconscientemente.

Corre pela Internet, e pode ler-se em muita da torrencial bibliografia sobre temáticas «extraterrestres» e correlatos conspirativos, a informação de que, em 1955, durante um discurso proferido na afamada Academia Militar de West Point, o general Douglas MacArthur teria afirmado perante os cadetes: «A próxima guerra

será uma guerra interplanetária. As nações terrestres deverão juntar-se um dia para enfrentar um ataque de povos de outros planetas.»

Mais tarde, em 12 de maio de 1962, o herói da vitória sobre o Japão imperial, discursando de novo em West Point, mais uma vez aludiu à questão:

«Lidamos agora não com as coisas deste mundo isolado, mas com as distâncias ilimitadas e mistérios ainda insondáveis do universo. Estamos estendendo a mão para uma fronteira nova e sem limites. Falamos em termos estranhos de aproveitamento da energia cósmica, de ventos e marés a trabalhar a nosso favor, em naves espaciais para a Lua, num conflito final entre a raça humana unida e as forças sinistras de alguma outra galáxia planetária, enfim, sonhos e fantasias que tornam a vida a mais emocionante de todos os tempos.»

Se podemos assumir que o célebre estratega militar reconhece a possibilidade de um confronto futuro com uma inteligência exterior à humana, em rigor, nas fontes da época e na falta dos depoimentos escritos originais do general Douglas MacArthur, não se encontra textualmente nenhuma frase anunciando que a «próxima guerra» travada na Terra seria contra uma raça invasora extraterrena. Considera a hipótese como algo que permanece latente no inconsciente humano, em derradeira instância fruto do nosso cérebro reptiliano e da sua função inata para a sobrevivência.

Os únicos comentários do aclamado militar, a propósito de uma «próxima guerra», foram no sentido de que ele não fazia ideia da forma como ela seria travada nem qual seria o seu o horizonte temporal. Citou, isso sim, a resposta de Albert Einstein quando perguntado sobre que armas seriam utilizadas numa hipotética terceira guerra mundial. O sábio respondeu que não sabia

qual seria o armamento usado nessa conflagração, mas que um quarto conflito global seria travado com paus e pedras...

Com surpresa — ou talvez não —, o que MacArthur disse na década de 1950 do século xx foi reafirmado por António Costa enquanto secretário-geral do Partido Socialista português, confrontado com uma inimaginável equação ideológica entre a «unidade nacional e marcianos», seis décadas depois, em 21 de agosto de 2015:

«O Bloco Central é por definição uma solução má, uma solução extrema: por exemplo, se um dia tivermos uma ameaça de invasão de marcianos? Então, acho normal que possa haver um governo de unidade nacional entre o PS e o PSD.»

Não sendo este o lugar de uma história das nossas «relações externas», fraternas ou inamistosas, com outros mundos em busca de sinais de vida, importa recordar de passagem o plano privilegiado dos nossos contactos com o planeta Marte. O vizinho «vermelho» ocupou sempre a primazia na relação de amor-medo que com ele temos mantido, mais marcadamente desde 1877, quando o astrónomo Asaph Hall confirmou pelo telescópio a já suspeitada existência de Fobos e Deimos, os dois satélites de Marte. Mas essas são outras histórias ainda por contar...

Em 1924, Edward W. Eberle, chefe das Operações Navais dos EUA, enviou à Marinha norte-americana um telegrama dando instruções para procederem a escutas de transmissões de rádio procedentes... do planeta Marte.

O texto do telegrama rezava assim:

«Deseja a Marinha cooperar com os astrónomos que acreditam ser possível que Marte esteja a tentar comunicar através de ondas de rádio com o nosso planeta

nesta ocasião de aproximação com a Terra. Todas as estações de rádio tomarão em devida nota o relato de qualquer fenómeno elétrico inusitado e deverão abranger frequências de banda tão ampla quanto possível entre os dias 21 e 24 de agosto sem interferências de tráfego.»

Durante o período de três dias, uma vaga de excitação varreu a opinião pública informada até à exaustão pelos jornais dos progressos da escuta dos supostos marcianos. Mau grado o silêncio imposto no tráfego de comunicações via rádio, o certo é que Marte, numa das suas regulares fases de oposição à Terra, continuou silencioso. Nada mais se ouviu para lá dos ruídos da estática radiofónica...

Este é um compêndio das ações «improváveis» e situações «impossíveis», ilustrativas da participação direta ou indireta das instituições militares portuguesas na busca de identificação de fenómenos e objetos aéreos invulgares, popularmente conhecidos e designados pelo acrónimo OVNI.

Não irá, por essa razão fundamental, discutir ou propor explicações últimas sobre a natureza e os comportamentos de presumíveis agentes ou autores dos genericamente designados Objetos Voadores Não Identificados; projeta-se, em primeira instância, revelar a faceta possível dos bastidores governamentais e militares na sua relação «burocrática» com estes problemas, historiando as ações protocolares no caso português, com as inevitáveis implicações internacionais. Em suma, prioritariamente este é um livro *sobre documentos* implicados no processamento e na avaliação do tema OVNI que o colocam numa abordagem de reflexão sociológica global sobre o tema, em que não se dispensa a participação e a leitura dos *media*.

Destacam-se sobretudo nesta memória os procedimentos e as atitudes das entidades nacionais de segurança e defesa relativamente às situações em apreço. Secundária será a pretensão explicativa final de qualquer

dos episódios aqui descritos, ainda que apresentemos todos os dados disponíveis para um eventual julgamento do leitor. Para esse juízo, facultamos a documentação essencial no anexo, ilustrativa da intervenção e da preocupação que o tema dos «Não Identificados» foi suscitando por parte das entidades de segurança e defesa nacionais e estrangeiras desde o epílogo da Segunda Guerra Mundial até ao presente.

Nesta narrativa de «encontros imediatos» no mar, no ar e em terra, fomos à génese do envolvimento militar e paramilitar português nessa «guerra invisível» que, segundo teses conspirativas, se desenrola tão perto e tão longe dos olhares comuns. «Ficheiros secretos» até hoje desconhecidos, no todo ou em parte, revelados através dos seus agentes e protagonistas diretamente envolvidos, e com esse detalhe que marca e distingue a experiência portuguesa: a colaboração singular, exemplar, em termos internacionais, entre a investigação civil e militar, conforme documentam as páginas que o leitor começa agora a folhear.

# PREÂMBULO PRÉ-HISTÓRIA DE UM FENÓMENO CONTEMPORÂNEO

## *I. Da Passarola às bombas-voadoras*

Nas páginas do conhecido *Memorial do Convento*, o herói Baltasar Sete-Sóis sulca os ares a bordo da *Passarola*. Invenção por invenção, o feito descrito por José Saramago retrata a fabulosa «nave aérea» atribuída ao criativo padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão: nunca existiu, a não ser enquanto ficção. Todavia, ao sacerdote nascido em Santos, no Brasil, é devido o mérito de ter concretizado o lançamento do primeiro balão movido a ar quente.

O inventor deste engenho, antes imaginado por Arquimedes no século II a. C., é por isso mesmo um dos precursores da Aeronáutica. Bartolomeu mudou-se para



*Figura 1. Retrato de Bartolomeu de Gusmão. O inventor luso-brasileiro foi o primeiro homem a sonhar com o domínio do mundo a partir do espaço. Quadro a óleo do pintor brasileiro Benedicto Calixto, 1902. (BNP)*

Lisboa e matriculou-se em Direito Canônico na Universidade de Coimbra, em 1708. Nas margens do rio Mondego, o jovem viria a desenvolver notavelmente os seus estudos de Física e Matemática que desde a adolescência tanto o apaixonavam.

Começou a trabalhar afincadamente no projeto de um engenho «mais-leve-que-o-ar» e, em breve, entregou ao rei D. João V a petição de privilégio sobre o seu «instrumento de andar pelo ar», que lhe seria concedido por alvará em 19 de abril de 1709. Juntamente com a mercê, o monarca português decidiu contribuir para os gastos da construção do aparelho, atribuindo-lhe o cargo de Lente de Prima de Matemática na Universidade de Coimbra, com um rendimento vitalício substancial para prosseguir as suas experiências.

O projeto inicial de Bartolomeu divergia muito da popularizada imagem da *Passarola*, que viria a correr por boa parte dos países europeus impressa em folhetos e gazetas. Tem-se como certo que, em 5 de agosto de 1709, o inventor realizou, perante a corte portuguesa, no pátio da Casa da Índia, em Lisboa, a primeira demonstração da sua «máquina de voar»: inicialmente, o balão pegou fogo sem sair do solo, mas, numa segunda demonstração, elevou-se a 4 metros de altura. Tratava-se de um pequeno balão de papel pardo grosso, cheio de ar quente, produzido pelo «fogo material contido numa tijela de barro incrustada na base de um tabuleiro de madeira encerada».

Numa terceira tentativa, o engenho teria voado diante do rei e da rainha, na sala das Embaixadas da Casa da Índia, em 8 de agosto de 1709. A partir de então, o religioso luso-brasileiro passou a ser conhecido por «Padre Voador».

### *I.I O homem que sonhou dominar o mundo pelo ar*

Importa lembrar que o plano inventivo inicial de Bartolomeu se desenvolveu num contexto político

favorável, traduzindo uma ambição desmedida ao gosto de D. João V: se o projeto de «nave aérea» de Bartolomeu pudesse ser traduzido em realidade, Portugal poderia ter rapidamente mudado a face da guerra da Sucessão de Espanha graças a tão prodigioso artefacto anunciado pelo criativo Padre Voador. Recorde-se que a petição do inventor sugere um plano visando uma hegemonia de contornos planetários. Propunha-se o inventor resolver um conjunto de problemas geopolíticos e cosmopolitas da sua época.

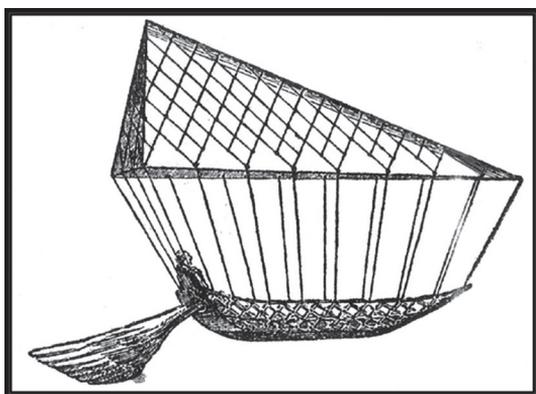
Para tal, *o domínio do planeta a partir dos céus é um desígnio bem implícito nos planos deste pioneiro português*. Algo que, dois séculos mais tarde, as grandes potências industriais iriam disputar nos alvores da Primeira Guerra Mundial, em audazes combates aéreos a bordo das primeiras «máquinas mais pesadas que o ar».

Anunciava o engenhoso jovem ao seu rei a descoberta de um «instrumento para se nadar pelo ar, da mesma sorte que pela terra e pelo mar, com muito mais brevidade, fazendo-se muitas vezes duzentas e mais léguas de caminho por dia». Daqui retirava algumas conclusões surpreendentes para a época:

- a) Nesse «instrumento aéreo poderiam ser levados avisos aos exércitos em terras mui remotas»;
- b) «Todas as praças sitiadas poderiam ser socorridas, tanto de gente como de munições e víveres, retirando-se delas as pessoas sem que o inimigo o pudesse impedir»;
- c) O nosso país poderia reatar a sua tradição descobridora: «porque se descobririam as regiões que ficam vizinhas aos polos do mundo, sendo da nação portuguesa a glória deste descobrimento, que tantas vezes tinham tentado inutilmente as estrangeiras».

Num misto de candura e visão genial, Bartolomeu teve o mérito de vislumbrar as consequências do seu

aparelho voador, em função das necessidades de uma época. Permitimo-nos afirmar que se trata de uma antevisão profética, com dois séculos de avanço, de uma geoestratégia baseada no domínio do espaço aéreo por uma potência imperial, no caso português. Neste caso, duplamente aplicada ao seu sonho (ou delírio) messiânico de sujeição dos restantes soberanos e povos da Terra aos pés do povo judeu, redimido pela supremacia indomável da «aérea fábrica» que o génio de Bartolomeu assim oferecia à sua nação de origem...



*Figura 2. A «máquina volante» de Bartolomeu de Gusmão, descrita num manuscrito setecentista (cerca de 1709) da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Segundo Maia do Amaral, admite-se que «este desenho é a representação mais antiga e, porventura, mais fidedigna da famosa Passarola. (Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra)*

Não tendo sido o primeiro aeronauta da história, Bartolomeu Lourenço de Gusmão foi o primeiro, em toda a história da aeronáutica, a construir um balão que subiu livremente na atmosfera, mas não há evidências de que este frágil artefacto tenha protagonizado um voo tripulado. De facto, a primeira viagem aeronáutica iria caber aos franceses Pilatre de Rozier e ao marquês d'Arlandes, na épica ascensão pelos ares em 20 de novembro de 1783.

Durante mais de um século, multifacetadas e «gloriosas máquinas voadoras», e os seus ousados tripulantes, em balões e aeróstatos, ensaiaram o controlo dos céus terrestres e o império dos ares sonhado pelo jovem Gusmão, português de Santos, antes da etapa seguinte da epopeia da aviação, dos seus dramas e heróis do século xx.